



# GRUPOS SEMEADORES DE ESPERANÇA 4

UMA IGREJA SAMARITANA...  
... em saída para as periferias



# GRUPOS SEMEADORES DE ESPERANÇA 4

UMA IGREJA SAMARITANA...  
... em saída para as periferias



## **ABERTURA**

**«Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho»  
(Lc 10, 34). Onde há amor nascem gestos.**

Uma Igreja com um rosto samaritano é uma Igreja atenta às feridas das pessoas, a todos os que vivem uma vida frágil, marcada por qualquer forma de dor, privação, sofrimento, necessidade.

Em perfeita sintonia com o nosso plano pastoral, fazemos votos de que este quarto caderno dos “Grupos Semeadores de Esperança” impulse a concretizar gestos de caridade e compaixão capazes de curar essas feridas, a partir da vivência de uma mística dos olhos bem abertos, que nos leva a ter sempre as mãos disponíveis e os pés calçados para nos fazermos próximos de quem está ferido, cooperando para a civilização do amor.

Sabemos bem que as vivências difíceis e dolorosas se podem tornar fecundas, como as crises se iluminam quando fazemos delas oportunidades. Recordemos a história da concha e da pérola. As conchas perliíferas são aquelas que sofreram uma turbulência. São as conchas feridas. Mas o paciente processo de trabalho interno que se segue – uma pérola leva em média três anos a constituir-se – torna a concha preciosa e única. Também connosco sucede algo semelhante. Como diria o poeta brasileiro Manoel de Barros, a vida é “cheia de casca e de pérola”. As feridas não desvalorizam a vida, antes a maturam, ampliam e aprofundam.

De facto, a fragilidade é a língua falada por toda a criação. Ignorar essa língua é não só renunciar à possibilidade de tocar quotidianamente a vida nas suas minúsculas declinações, de a abraçar na sua forma real, mas

é arriscar também não chegar a ouvir o que de mais belo ela tinha para nos dizer. A fragilidade não é um acidente, é uma linguagem comum, uma condição. Tomar consciência disso ensina-nos a julgar menos, a integrar mais harmoniosamente, a cuidar e a contemplar melhor.

A situação de pandemia que estamos a viver é difícil e, como todos sentimos, tem provocado muito desgaste e cansaço na vida pessoal, familiar e profissional. Também na vida eclesial. Talvez seja cedo para avaliar o impacto desta pandemia na vida da Igreja. Mas temos sido constantemente desafiados, particularmente nas palavras e gestos do Papa Francisco, a olhar para este tempo como uma oportunidade de graça e de renovada presença da Igreja junto de todos.

«Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho» (Lucas 10, 34). Estes são os gestos do samaritano. Os nossos gestos serão a concretização de uma Igreja Samaritana onde abundam «ligaduras, azeite e vinho».

A atitude de cada cristão, das comunidades e grupos será a revelação da nossa capacidade de olhar, de nos deixarmos perturbar e compadecer, expressa em gestos adequados e necessários para trazer consolação e alegria.

Como suposto da necessária caminhada de renovação eclesial a partir da caridade, continuaremos a dar importância aos Grupos Semeadores de Esperança. Só avançaremos se comunitariamente encontrarmos tempo para refletir e rezar uns com os outros. Importa, por isso, que os grupos se multipliquem, ganhem consistência. Serão garantia de que este trabalho perdurará.

Que Santa Maria de Braga faça com que todos os cristãos e comunidades aceitem caminhar a este ritmo. Que aconteçam muitos frutos do amor e que nunca nos cansemos de acreditar que a vitalidade da Igreja está nas mãos de todos os fiéis. Nos caminhos de sempre deixemos florir a caridade!

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*





## Primeiro tema

# Curar as feridas da relação com Deus

As feridas da nossa relação com Deus têm um nome e uma origem: pecado. Não é Deus que está longe de nós, somos nós que nos afastamos d'Ele, mesmo precisando da sua presença curadora. Fugir de Deus é o primeiro ato de orgulho, confessar o pecado é o primeiro ato de humildade. Só este nos abre ao dom do Espírito que restaura em nós a imagem de Deus.

### ***Em jeito de oração...***

*Muitas vezes fui Adão escondido dos Teus passos e da Tua voz. «Onde estás?» - perguntavas, mesmo sabendo. Perguntavas para que, livremente, me mostrasse aos Teus olhos acesos de conversas.*

*Custou-me tanto, uma vez e outra, a humildade de aceitar a Tua busca e deixar-me encontrar de calçado roto e mãos sujas. Como se não visses no escuro ou contra a luz; como se não me amasses de graça; como se, afinal, não fosses Tu a nascente que tem sede ou o mar que deseja e purifica as gotas cansadas do mais banal dos rios...*

*Hoje, quero responder-Te: Eis-me!... Sou eu. Entra, que as minhas chagas são a porta!...*

### **Questões para reflexão pessoal e partilha**

1. Conhece alguma situação em que o afastamento de Deus seja expressão de uma alma que se esconde de Deus, mais do que consequência do pecado cometido?

2. Já sentiu resistência em confessar um pecado? Como se manifesta essa resistência?

3. Que caminhos poderão reaproximar-nos de Deus?

**Texto bíblico:** Gn 3, 8-13

<sup>8</sup>[Adão e Eva] Ouviram, então, a voz do Senhor Deus, que percorria o jardim pela brisa do entardecer, e o homem e a sua mulher logo se esconderam do Senhor Deus, por entre o arvoredo do jardim. <sup>9</sup>Mas o Senhor Deus chamou o homem e disse-lhe: «Onde estás?» <sup>10</sup>Ele respondeu: «Ouvi a tua voz no jardim, e, cheio de medo, escondi-me porque estou nu.» <sup>11</sup>O Senhor Deus perguntou: «Quem te disse que estás nu? Comeste, porventura, algum dos frutos da árvore da qual te proibi comer?» <sup>12</sup>O homem respondeu: «Foi a mulher, que trouxeste para junto de mim, que me ofereceu o fruto e eu comi-o.» <sup>13</sup>O Senhor Deus perguntou à mulher: «Por que fizeste isso?» A mulher respondeu: «A serpente enganou-me e eu comi.»

Texto 2: Sl 51, 8-13

<sup>3</sup>Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade;  
pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado.

<sup>4</sup>Lavame de toda a iniquidade;  
purificame dos meus delitos.

<sup>5</sup>Reconheço as minhas culpas  
e tenho sempre diante de mim os meus pecados.

<sup>6</sup>Contra ti pequei, só contra ti,

fiz o mal diante dos teus olhos;  
por isso é justa a tua sentença  
e reto o teu julgamento. [...]

<sup>12</sup>Cria em mim, ó Deus, um coração puro;  
renova e dá firmeza ao meu espírito.

<sup>13</sup>Não me afastes da tua presença,  
nem me prives do teu santo espírito!

<sup>14</sup>Dá-me de novo a alegria da tua salvação,  
e sustentame com um espírito generoso.

### ***Pistas para reflexão***

1. Uma ambição de autonomia face a Deus. Quando Deus procura o homem e lhe pergunta “Onde estás?”, tal significa que ele não está onde Deus está. A principal ferida na relação com Deus não é um pecado concreto, mas a ambição orgulhosa de autonomia face a Deus. Mais grave do que qualquer pecado é fugir e esconder-se do Deus que procura o ser humano. Aproxima-se pela frescura do entardecer, tal como se dá a reconhecer a Elias na brisa ligeira e suave (cf. 1 Rs 19, 12-13). Não vem ao encontro do homem com legiões de anjos, mas na serenidade de um coração misericordioso. A palavra “brisa, sopro” é a mesma que é usada para falar do Espírito de Amor que purifica.

2. O pecado e a nudez. A consequência imediata do pecado é o sentimento de nudez, em que o corpo se percebe frágil. Adão sente-se nu, culpado diante de Deus que percebe, pela primeira vez, como temível. Não confessa a sua falta e até insinua que a culpa poderá ser do próprio Deus

que lhe deu a mulher por companheira. No capítulo seguinte, Caim vai ao ponto de não assumir o crime que cometera (cf. Gn 4, 9).

3. O reconhecimento do pecado abre caminho ao perdão. Eva reconhece o seu pecado, mesmo sentindo-se enganada pela serpente, e isso abre-a ao perdão. O Salmo 51 ensina-nos o caminho da cura das nossas feridas na relação com Deus: responder ao seu chamamento, não temer expor-lhe a nossa nudez e pedir-lhe humildemente perdão. O dom do Espírito é o sinal eficaz desse perdão concedido por Deus que sara as feridas do homem peregrino.

### ***Tópicos para o compromisso***

1. Como discernir os artifícios que usamos para nos escondermos de Deus, nós que O culpamos por estar longe ou ausente?

2. Como vencer as nossas resistências à confissão do pecado?

3. Como tornar presente, na nossa vida, o sopro/Espírito de Deus que nos perdoa os pecados?

Segundo tema  
**Curar as feridas da humanidade**  
*(doença, sofrimento)*

Mais doloroso do que o sofrimento e a provação em si próprios, é enfrentá-los sozinho. Sentir-se abandonado, sentir que os seus gritos não são ouvidos é o maior sofrimento. Deus revela-se como o Deus conosco, que ouve os gritos do oprimido. Em Jesus, Deus fez suas as dores da humanidade, faz seus os nossos próprios gritos.

***Em jeito de oração...***

Sei-o muito bem: as dores são maiores de noite, quando o silêncio e a ausência nos deixam sem o lenço de um olhar ou o algodão de uma palavra suave. Parece então que a dor se ri na nossa cara e se torna inútil esperar misericórdia ou ajuda.

«Onde se meteram todos?... Onde se meteu Deus?...» - dizemos ou pensamos. Sem percebermos o modo como o amor ama ou se faz presente...

Hoje quero aceitar, meu Deus, o Teu modo materno de amar: silencioso, olhando atento às minhas circunstâncias, qual mãe sentada no escuro, mas vigilante na beira da cama.

Ensina-me, com os dons do Teu Espírito, a sentir o discreto toque da Tua proximidade. Porque Tu estás perto; estás sempre perto – e vês-me ainda que não Te veja!...

### **Questões para reflexão pessoal e partilha**

1. Sinto Deus próximo apenas nos momentos bons ou também no sofrimento?
2. Em que situações é mais difícil falar da presença de Deus?
3. Alguma vez me senti chamado a ser sinal da presença de Deus, no sofrimento?

### **Leitura dos textos: Ex 3, 7-12**

<sup>7</sup>O Senhor disse [a Moisés]: «Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egito, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspetores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos. <sup>8</sup>Desci a fim de o libertar da mão dos egípcios e de o fazer subir desta terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que mana leite e mel, para o lugar do cananeu, do hitita, do amorreu, do perizeu, do heveu e do jebuseu. <sup>9</sup>E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e vi também a tirania que os egípcios exercem sobre eles. <sup>10</sup>E agora, vai; Eu te envio ao faraó, e faz sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel.» <sup>11</sup>Moisés disse a Deus: «Quem sou eu para ir ter com o faraó e fazer sair os filhos de Israel do Egito?» <sup>12</sup>Ele disse: «Eu estarei contigo; e este é para ti o sinal de que Eu te enviei: quando tiveres feito sair o povo do Egito, servireis a Deus sobre esta montanha.»

### *Sl 105, 25-27*

<sup>25</sup>Mudou-lhes o coração e eles odiaram o povo de Deus, e trataram com perfídia os seus servos.

<sup>26</sup>Deus enviou então o seu servo Moisés e Aarão, seu escolhido,  
<sup>27</sup>que realizaram maravilhas no meio deles e milagres no país de Cam.

### ***Pistas para reflexão***

1. Um Deus próximo e sensível. No episódio da sarça ardente, Deus não se revela em primeiro lugar nem apenas à inteligência do homem. Antes de pronunciar o famoso “Eu sou Aquele que sou” (Ex 3, 14), diz ser “Aquele que vê a opressão do povo”, que “ouve o seu clamor”, que “conhece os seus sofrimentos” e “desce para o libertar”. Por não ser um princípio imóvel que garante a ordem do Universo e das suas leis, o Deus de Israel não é impassível e alheio ao sofrimento do seu povo. Revela-se antes como um Deus que está com o povo, sensível ao seu sofrimento. Mais tarde, esse será mesmo o nome que revela, em sonhos, a José: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e Ele será chamado de Emanuel, que significa ‘Deus conosco’” (Mt 1, 23). Esta garantia da presença de Deus aparece também na vocação do profeta Jeremias: “Não temas diante deles; porque estou contigo” (Jr 1, 8). Esta convicção é o fundamento da esperança cristã. Assim há-de entender-se a saudação inicial da Eucaristia: “O Senhor esteja convosco”.

2. Um Deus que se revela no sofrimento e no envio. É aí que Deus se revela. Porque é o “Deus conosco”, compadece-se dos nossos males e sofrimentos, vê a opressão, ouve o clamor, desce e aproxima-se do povo, envia Moisés para ser sinal e instrumento de libertação. Deus não pediria a Moisés para se comprometer se Ele próprio não o fizesse em relação a nós. Antes da sua subida aos céus, Jesus reafirma esta identidade fundamental

do Deus conosco, quando afirma: “Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos” (Mt 28, 20).

3. De forma mediada, Deus realiza maravilhas em favor do seu povo. O Salmo 105 celebra essa proximidade de Deus que se compadece do sofrimento do povo, que envia Moisés e Aarão e manifesta a sua proximidade e empatia, realizando maravilhas em favor dos oprimidos.

### ***Tópicos para o compromisso***

1. Como vencer as nossas resistências e ser, no mundo, sinal do “Deus conosco”?

2. Como experimentar na oração a presença de Deus?

3. Como ler na nossa história pessoal os sinais do Deus que está sempre conosco?



## Terceiro tema

# Curar as feridas da fraternidade

A sabedoria popular tanto enaltece a fraternidade como a vê com suspeição. Assim, um ditado popular diz: “Quem não tem irmão não tem pé nem mão”. Outro, porém, afirma: “Entre irmãos, é preciso, pelo menos, duas testemunhas e um notário”.

O pecado tem o condão de transformar o que de mais belo tem a humanidade naquilo que ela pode ter de mais trágico: as relações fraternais que tanto geram laços como feridas.

### ***Em jeito de oração...***

Andamos demasiadas vezes de costas voltadas: temos nas palavras e nos gestos a frustração de Caim ou o ciúme doentio dos irmãos de José.

Por detrás dos muros de culturas ou tradições diferentes, esquecemos a fraternidade e fazemos ouvidos moucos à Tua pergunta, oh Deus: «Onde está o teu irmão?».

É-nos mostrado nas praias do naufrágio, nos cartões que servem de casa às portas dos nossos condomínios ou nos campos onde os ignoramos, embora dizendo que os acolhemos. Até nos esquecemos de cuidar, amorosamente, dos próximos mais próximos - com quem vivemos e convivemos...

Sossegamos a consciência, aplaudindo a criação do Dia Internacional da Fraternidade Humana, mas anestesiámos o desassossego que manda procurar como quem perdeu um bem precioso!...

Senhor, abre o nosso coração para que todos possam ser nossos irmãos, amigos e companheiros e para que aceitemos o risco de fazer da fraternidade que é – nas palavras do Teu servo, o Papa Francisco – «a nova fronteira da humanidade».

Dá-nos a graça de a vivermos na escuta de coração aberto, sem negociar convicções, mas dispostos a proclamar em gestos que «um mundo sem irmãos é um mundo de inimigos».

### ***Questões para reflexão pessoal e partilha***

- 1. Como é que as relações de fraternidade se podem transformar em fratricídios?*
- 2. Porque é que as zangas familiares são as mais dolorosas?*
- 3. Como é que a inveja corrompe a comunhão fraterna?*

### ***Leitura dos textos: Gn 37, 18-27***

<sup>18</sup>Eles viram-no de longe, e, antes que se aproximasse, combinaram-se para o matar. <sup>19</sup>Disseram uns aos outros: «Eis que se aproxima o homem dos sonhos. <sup>20</sup>Vamos, matemo-lo, atiremo-lo a qualquer cisterna e, depois, diremos que um animal feroz o devorou. Veremos, então, como se realizarão os seus sonhos.» <sup>21</sup>Rúben ouviu-os e quis salvá-lo das suas mãos. Então disse: «Não atentemos contra a sua vida.» <sup>22</sup>Rúben disse ainda: «Não derrameis sangue! Atirai-o à cisterna que está no deserto, mas não levanteis a mão contra ele.» O seu intento era livrá-lo das suas mãos para o fazer regressar ao seu pai. <sup>23</sup>Quando José chegou junto dos irmãos, estes

despojaram-no da túnica comprida que usava <sup>24</sup>e, agarrando-o, lançaram-no à cisterna. Esta estava vazia e sem água. <sup>25</sup>Depois, assentaram-se para comer. Erguendo, porém, os olhos, viram uma caravana de ismaelitas que vinha de Guilead. Os camelos estavam carregados de aroma, de bálsamo e láudano, que levavam para o Egito. <sup>26</sup>Judá disse aos irmãos: «Que vantagem tiramos da morte de nosso irmão, ocultando o seu sangue. <sup>27</sup>Vinde, vendamo-lo aos ismaelitas e que a nossa mão não caia sobre ele, porque é nosso irmão e da nossa família.» E os irmãos consentiram.

*Sl 105, 16-22*

<sup>16</sup>Fez, depois, cair a fome sobre a terra e privou-os do pão, que dá o sustento. <sup>17</sup>Enviou diante deles um homem, José, que foi vendido como escravo. <sup>18</sup>Apertaram-lhe os pés com grilhões, e puseram-lhe uma argola de ferro ao pescoço, <sup>19</sup>até que se cumpriu a profecia e a palavra do Senhor lhe deu razão. <sup>20</sup>Então o rei deu ordens para que o soltassem, o soberano dos povos pô-lo em liberdade. <sup>21</sup>Nomeou-o mordomo da sua casa, e administrador de todos os seus bens, <sup>22</sup>com poderes para instruir os seus príncipes e para ensinar a sabedoria aos anciãos.

### ***Pistas para reflexão***

1. A inveja fraticida. Desde o início da História da Salvação, a inveja fraticida mancha as relações humanas: Caim assassina seu irmão Abel, por inveja (cf. Gn 4, 1-16); e os irmãos de José planeiam assassiná-lo, também por inveja. Os irmãos unem-se num desígnio comum manchado pelo sangue. Todavia, Rúben impede a sua morte e sugere que seja lançado

numa cisterna, imagem da Paixão de Jesus e, acima de tudo, da nossa participação no mistério da Cruz, se desejamos ser também associados à Ressurreição de Cristo. Na Antiga Aliança, José é sinal desta morte e ressurreição, mas também Jeremias, lançado para morrer na cisterna (cf. Jr 38) ou Daniel, na cova dos leões (cf. Dn 6).

2. O batismo como participação na morte de Jesus. Também nós somos chamados, pela descida às águas do batismo, a participar na morte e ressurreição que nos une à Páscoa de Cristo, nos torna filhos de Deus em Jesus Cristo e restabelece as relações de fraternidade. Deus é aquele que nos traz de volta à vida, retirando-nos do abismo da morte (cf. Sl 31, 4; 102, 4; Is 38, 17; Jn 2, 7). Judá sugere uma solução que, para além de fazer desaparecer José, proporcionaria algum lucro: a sua venda, como escravo, aos ismaelitas. A referência à ocultação do sangue é uma alusão indireta à história do ódio fratricida entre Caim e Abel. Como o sangue da vítima tinha clamado da terra até Deus (cf. Gn 4, 10), tinha-se o cuidado de esconder o sangue (cf. Ez 24, 7) para cobrir o seu grito (cf. Jb 16, 18).

3. Deus restaura as relações fraternas. De um crime atroz e fratricida, Deus tira a salvação de Israel. O Salmo 105 celebra essa reviravolta na história de José e vê no seu destino um desígnio de Deus para salvar o seu povo da fome. José é vendido como escravo para que, um dia mais tarde, possa salvar os seus irmãos da fome. "Escrevendo direito por linhas tortas", Deus restaura as relações fraternas. É assim aquele que, de um mal radical, consegue tirar um bem maior. Em Jesus Cristo, este poder de Deus atinge o seu ponto culminante: José padeceu, mas não passou pela morte; Jesus morreu de facto e, assim, o destino fatal poderia tornar-se irreparável. Mas, Deus mostra o que é, tirando de um mal irrecuperável a salvação de todos

(cf. Hb 2, 9). No batismo, os cristãos vivem a experiência do renascimento para uma vida na fraternidade que parecia impossível, em virtude do pecado.

### ***Tópicos para o compromisso***

1. Como é que eu posso ajudar as relações entre irmãos a permanecerem fraternas?
2. De que forma o batismo nos ajuda a construir relações fraternas sólidas?
3. Como é que Jesus, nosso irmão, incorporado na nossa vida familiar, nos pode preservar das feridas da fraternidade?

## Quarto tema

# Curar as feridas da comunidade

As feridas comunitárias são mais do que o somatório das feridas provocadas individualmente por cada um dos seus membros. São até, muitas vezes, transportadas pela história dos povos, mesmo quando já se perdeu a marca individual da culpabilidade. As comunidades necessitam de momentos simbólicos e mesmo sacramentais de reconciliação.

### *Em jeito de oração...*

Um dos nossos poetas (Teixeira de Pascoaes) escreveu que «a dor floresce um ramo e faz brotar um verso». Diremos que é coisa de poetas e que, na verdade, a dor é mó de moinho que nos tritura...

Sofridos, até de Ti, oh Deus, nos julgamos abandonados, repetindo as perguntas do salmista (Salmo 77), querendo saber se nos rejeitaste e não voltarás a ser favorável: «Cessou para sempre a sua benignidade? Acabou-se já a promessa de geração em geração?».

Senhor, sabemos que és um Pai de cabeça inclinada para o homem e atento aos seus gritos. Ouves. Ouves sempre. O Teu Verbo «tomou sobre si as nossas doenças, carregou as nossas dores» (Is 53, 4).

Que nunca recusemos a graça da Tua consolação, porque a Tua força salva e vence - também o escreveu o salmista - «as águas profundas do mar».

## **Questões para reflexão pessoal e partilha**

1. Já sentiram que, na comunidade, para ultrapassar uma crise, fosse necessário um momento público de reconciliação?
2. Como redescobrir a componente comunitária da reconciliação, numa sociedade individualista e de responsabilidade subjetiva?
3. Sinto a Eucaristia como momento de reconciliação comunitária?

## **Leitura dos textos: Lv 9, 6-7**

<sup>6</sup>Moisés disse: «Isto é o que o Senhor ordenou; ponde-o em prática, para que a glória do Senhor apareça.» <sup>7</sup>Disse ainda a Aarão: «aproxima-te do altar, oferece o teu sacrifício pelo pecado e o teu holocausto, e faz o rito de purificação em teu favor e em favor do povo; depois, apresenta a oferta do povo para expiar os seus pecados; como o Senhor ordenou.»

## **Sl 40, 7-9**

<sup>7</sup>Não quiseste sacrifícios nem oblações, mas abriste-me os ouvidos para escutar; não pediste holocaustos nem vítimas.

<sup>8</sup>Então eu disse: «Aqui estou! No Livro da Lei está escrito aquilo que devo fazer».

<sup>9</sup>Esse é o meu desejo, ó meu Deus; a tua lei está dentro do meu coração.

## ***Pistas para reflexão***

1. Diversos tipos de sacrifícios. Na Antiga Aliança, havia diversos tipos de sacrifícios, com o intuito de restabelecer a comunhão entre Deus e os homens, mas também dos homens entre si. Assim, os “Chelamim” (sacrifícios de paz) ora manifestavam a alegria, num momento de celebração, ora exprimiam a ação de graças e, na maioria dos casos, a carne do animal sacrificado era consumida em família ou com os amigos, como sinal de comunhão comunitária. Por outro lado, os “Acham” (sacrifícios pelo pecado) restabeleciam ritualmente os elos quebrados da comunidade e reparavam simbolicamente o mal causado ao corpo social. É neste contexto que surge a noção de bode expiatório. O sacrifício do animal simbolizava o apagamento do mal e das suas consequências. As más ações ou pecados têm dois aspetos: um refere-se à relação do homem com os outros homens; e o outro diz respeito à relação do homem com Deus. O primeiro é a da vida diária, exterior e social; o segundo, do foro da consciência. O sacrifício é a manifestação exterior e simbólica da vontade do homem em reparar as relações feridas pelo pecado.

2. A escuta obediente da Palavra. A pregação dos profetas foi gradualmente valorizando mais a conversão interior à Palavra de Deus do que a execução exterior e unicamente ritual dos sacrifícios de animais, no Templo. A destruição do Templo de Jerusalém, no ano 70 d. C. pôs um ponto final na prática dos sacrifícios de animais no judaísmo. Os cristãos viam no sacrifício único e definitivo de Cristo, na Cruz, o cumprimento dos sacrifícios referidos, em particular, no livro do Levítico. À semelhança de Cristo, o sacrifício agradável a Deus é a escuta obediente da Sua Palavra, como o



Salmo 40 já o anunciava e como a Carta aos Hebreus tão abundantemente desenvolve (Hb 10). Por isso, no seu corpo sacrificial, Jesus Cristo agrega a comunidade desagregada pelo pecado que rompe a comunhão.

3. Eucaristia, sacrifício da paz. Para os cristãos, a Eucaristia é momento de comunhão no Sacrifício de Cristo que estabelece a paz na comunidade. Por isso, São Paulo afirma que Jesus Cristo é a nossa paz, Ele que, dos dois povos antagonistas, fez um só e destruiu o muro de separação, a inimizade: na sua carne (Ef 2, 14-15). A Eucaristia pressupõe a reconciliação para se poder participar no sacrifício de comunhão: "Se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem e apresenta a tua oferta" (Mt 5, 23-24).

### ***Tópicos para o compromisso***

1. Como posso promover a reconciliação na minha comunidade?
2. Após um tempo em que o gesto da paz foi suprimido na Eucaristia, como redescobri-lo agora em todo o seu significado sem o voltar a banalizar?
3. Como fazer com que as feridas comunitárias sejam sentidas por todos como suas também?

## Quinto tema

# Curar as feridas da casa comum

As feridas da casa comum têm, no mínimo, duas razões subjacentes: a desmedida ambição humana e a perda da noção de que somos parte desta casa. No mínimo, o que fazemos à natureza reflete-se em nós e, no máximo, pode até virar-se contra nós. Não ter isto presente é hipotecar a possibilidade de termos um espaço sadio para viver e é também comprometer o futuro das novas gerações. É urgente curar as feridas da casa comum!

### *Em jeito de oração...*

«Crescei e dominai a terra». «Olhai os lírios do campo...»

Quem ama cuida, interessa-se e protege. Não se faz consumidor egoísta, mas semeador de futuro.

Senhor, faz-nos conscientes das feridas causadas pelos nossos descuidos e desperdícios: perdemos a água de que milhões têm sede, sujamos o ar com os fumos do progresso, transformamos em lixo o pão da nossa fatura.

Se não purificarmos o olhar e o coração, serão inabitáveis as nossas casas e espaços e aumentarão os gemidos das dores de parto da própria criação.

## **Questões para reflexão pessoal e partilha**

1. Há quem sacralize a natureza e quem a despreze. Como a olhamos nós?

2. Temos consciência de que, à relação com Deus, com os outros e conosco próprios, havemos de acrescentar a relação com o espaço em que vivemos?

3. Que atitudes poderão reconciliar-nos com a natureza, salvaguardando assim a casa comum, enquanto espaço de todos e para todos?

### **Leitura dos textos: Gn 1, 27-31**

<sup>27</sup>Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. <sup>28</sup>Abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra.» <sup>29</sup>Deus disse: «Também vos dou todas as ervas com semente que existem à superfície da terra, assim como todas as árvores de fruto com semente, para que vos sirvam de alimento. <sup>30</sup>E a todos os animais da terra, a todas as aves dos céus e a todos os seres vivos que existem e se movem sobre a terra, igualmente dou por alimento toda a erva verde que a terra produzir. E assim aconteceu.» <sup>31</sup>Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa.

## *Sb 13, 1-9*

<sup>1</sup>Sim, insensatos são todos aqueles homens em que se instalou a ignorância de Deus e que, a partir dos bens visíveis, não foram capazes de descobrir aquele que é, nem considerando as obras reconheceram o Artífice. <sup>2</sup>Antes foi o fogo, o vento ou o ar subtil, a abóbada estrelada, ou a água impetuosa, ou os luzeiros do céu que tomaram por deuses, governadores do mundo. <sup>3</sup>Se, fascinados pela sua beleza, os tomaram por deuses, aprendam quão mais belo que tudo é o Senhor, pois foi o próprio autor da beleza que os criou. <sup>4</sup>E se os impressionou a sua força e o seu poder, compreendam quão mais poderoso é aquele que os criou, <sup>5</sup>pois na grandeza e na beleza das criaturas se contempla, por analogia, o seu Criador. <sup>6</sup>Estes, contudo, merecem só uma leve censura porque talvez se extraviem, apenas por buscarem Deus e quererem encontrá-lo. <sup>7</sup>Movendo-se no meio das suas obras, investigam-nas, mas deixam-se seduzir pela aparência, pois são belas as coisas que vêem. <sup>8</sup>De qualquer modo, nem sequer estes são desculpáveis, <sup>9</sup>porque, se tiveram tanta capacidade para poderem perscrutar o universo, como não descobririam, primeiro, o Senhor dessas coisas?

### ***Pistas para reflexão***

1. Deus criou o ser humano. Quando alguns pretendiam fazer imagens de Deus, o autor deste texto, com receio da idolatria (o maior pecado de Israel), afirma que a verdadeira imagem de Deus é o ser humano por Ele criado.

Diz o Papa Francisco que “esta afirmação mostra-nos a imensa dignidade de cada pessoa humana, que ‘não é somente alguma coisa, mas alguém. É capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e entrar em comunhão com outras pessoas’ (Catecismo da Igreja Católica, n.º 357)” (Laudato si’, 65). Ao mesmo tempo, afirma a igual dignidade de todos os seres humanos, pelo que ninguém pode considerar-se superior ou inferior a quem quer que seja.

2. “Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra”. Cabe ao ser humano continuar a obra da criação e, por isso, se lhe chama “procriador” (cria em vez de Deus); cabe-lhe também “encher e dominar a terra”. Contudo, o verbo “dominar” não pode ser lido na perspetiva da “exploração selvagem da natureza, apresentando uma imagem como dominador e devastador. (...) Essa não é uma interpretação correta da Bíblia, como a entende a Igreja. (...) Devemos decididamente rejeitar que, do facto de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre as outras criaturas. É importante ler os textos bíblicos no seu contexto (...) e lembrar que nos convidam a ‘cultivar e guardar’ o jardim do mundo (cf. Gn 2, 15). Enquanto ‘cultivar’ quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, ‘guardar’ significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza. Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de a proteger e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras” (Papa Francisco, *Laudato si’*, n.º 67).

3. Adorar o Criador e respeitar as criaturas. Deus é o Criador de todas as coisas e estas, na sua condição de criaturas, refletem a Sua grandeza e beleza. Pensar deste modo evita que se divinize ou sacralize a natureza (é, no seu todo, constituída por criaturas de Deus) e põe de lado a ideia de que ela seja

propriedade de alguns. Além disso, exige que se respeitem as criaturas, pois nelas se espelha o próprio Criador.

### ***Tópicos para o compromisso***

1. Como afirmar que somos “imagem e semelhança de Deus”, num mundo plural, em que muitos se dizem agnósticos e ateus?
2. Como sustentar a ambição humana face aos recursos da natureza e tomar consciência de que somos parte integrante da natureza?
3. Como falar de um Deus Criador e do respeito para com as criaturas, numa sociedade tendencialmente dessacralizada e materialista?

## Sexto tema

# Curar as feridas da família

Escolhemos os amigos, mas não a família. A família é o berço onde nascemos, o ambiente em que crescemos e o refúgio onde, nas dificuldades, nos recolhemos. Por regra, quando todos falham, a família está presente. E, contudo, sabemos bem que as ambições, as faltas de humildade, os atritos e as dificuldades da convivência geram inúmeros conflitos e problemas. São feridas nem sempre fáceis de curar, como o testemunham tantas desavenças e zangas familiares.

### ***Em jeito de oração...***

Vamos repetindo, em diversas circunstâncias, um slogan muito em voga: "Estamos juntos". Nem sempre, porém, é claro que estejamos unidos.

A unidade é, porém, Senhor, o Teu desejo. E faz-se de atenção, respeito, colaboração humilde, entrega e perdão.

Não nos anula numa massa que se amassa; antes faz de nós um fio com outros fios, numa manta de afetos!...

Unidos, mais que as casas, habitamos os corações uns dos outros e deixamos que nos habites!...

### ***Questões para reflexão pessoal e partilha em grupo***

1. *Como me situo na família? Comprometido e presente ou desligado e ausente?*

2. *Tenho noção de que o equilíbrio e funcionamento da família também passa por mim ou demito-me das minhas responsabilidades e limito-me a exigir muito dos outros?*

3. *Que atitudes poderei assumir, no sentido de tornar mais apetecível o ambiente familiar?*

**Leitura do texto:** Ex 20, 12

Honra o teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias sobre a terra que o Senhor, teu Deus, te dá.

*Sir 3, 1-16*

<sup>1</sup>Ouvi, filhos, os conselhos do vosso pai, procedei em conformidade para serdes salvos. <sup>2</sup>Porque o Senhor glorifica o pai acima dos filhos e estabelece sobre eles a autoridade da mãe. <sup>3</sup>O que honra o pai alcança o perdão dos pecados, <sup>4</sup>e quem honra a sua mãe é semelhante ao que acumula tesouros. <sup>5</sup>Quem honra o pai encontrará alegria nos seus filhos, e será ouvido no dia da sua oração. <sup>6</sup>Quem glorifica o pai gozará de longa vida e quem obedece ao Senhor consolará a sua mãe. <sup>7</sup>Quem teme o Senhor honrará seu pai e servirá, como a seus senhores, aqueles que lhe deram a vida. <sup>8</sup>Honra teu pai com palavras e ações, para que desça sobre ti a sua bênção. <sup>9</sup>A bênção do pai fortalece a casa dos filhos e a maldição da mãe arrasa-a até aos alicerces. <sup>10</sup>Não te glories com a desonra de teu pai, pois a sua desonra não poderia ser glória para ti. <sup>11</sup>A glória de um homem vem da honra de seu pai e é vergonha para os filhos uma mãe desonrada. <sup>12</sup>Filho,



ampara o teu pai na velhice, não o desgostes durante a sua vida; <sup>13</sup>mesmo se ele vier a perder a razão, sê indulgente, não o desprezes, tu que estás na plenitude das tuas forças. <sup>14</sup>A caridade que exerces com o teu pai não será esquecida e ser-te-á considerada, em reparação dos teus pecados. <sup>15</sup>No dia da aflição, o Senhor há-de lembrar-se de ti, os teus pecados hão-de dissolver-se como gelo em pleno sol. <sup>16</sup>É um blasfemador o que desampara o seu pai e é amaldiçoado pelo Senhor aquele que irrita a sua mãe.

### *Cl 3, 12-21*

<sup>12</sup>Como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos de sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência, <sup>13</sup>suportando-vos uns aos outros e perdoando-vos mutuamente, se alguém tiver razão de queixa contra outro. Tal como o Senhor vos perdoou, fazei-o vós também. <sup>14</sup>E, acima de tudo isto, revesti-vos do amor, que é o laço da perfeição. <sup>15</sup>Reine nos vossos corações a paz de Cristo, à qual fostes chamados num só corpo. E sede agradecidos. <sup>16</sup>A palavra de Cristo habite em vós com toda a sua riqueza; ensinaí-vos e admoestai-vos uns aos outros com toda a sabedoria; cantai a Deus, nos vossos corações, o vosso reconhecimento, com salmos, hinos e cânticos inspirados. <sup>17</sup>E tudo quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças por Ele a Deus Pai.

<sup>18</sup>Esposas, sede submissas aos vossos maridos, como convém no Senhor. <sup>19</sup>Maridos, amai as vossas esposas e não vos exaspereis contra elas. <sup>20</sup>Filhos, obedecéis em tudo aos pais, porque isso é agradável ao Senhor. <sup>21</sup>Pais, não irriteis os vossos filhos, para que não caiam em desânimo.

## ***Pistas para reflexão***

1. Um mandamento divino. Honrar pai e mãe, com palavras e ações, é um mandamento divino que redundará no perdão dos pecados de quem o observa. Além disso, quem assim procede acumula tesouros, encontra alegria nos filhos (vai nesse sentido o nosso ditado popular “Filho és, pai serás, como o fizeres assim receberás”), é escutado na sua oração e terá vida longa. Não o fazer soa a blasfêmia e significa atrair sobre si a maldição. Honrar também significa não desgostar os pais, ao longo da vida, e ampará-los quando as forças declinam e a mente enfraquece. É sobretudo na velhice dos pais que mais se manifesta – ou, infelizmente, não – a caridade dos filhos.

2. Os “ingredientes” para uma vida familiar equilibrada e saudável. A misericórdia, a bondade, a humildade, a mansidão e a paciência são essenciais para a vida familiar. O amor familiar manifesta-se quando cada um é suporte do outro (é nesse sentido que deve ser entendido o apelo/orde-m “suportai-vos”) e se traduz em perdão. As famílias cristãs vão mais longe, deixando-se guiar pela Palavra de Deus e entregando-se à oração. Aí encontram luz e força para os muitos desafios que a convivência familiar acarreta.

3. Uma submissão de amor. Quando descontextualizada, a expressão assume um sentido negativo. Porém, em Cl 3, 18, ela é usada em registo positivo, porque situada no contexto do amor, do respeito e da docilidade que o caracterizam. É nesse âmbito que se situa também o apelo aos filhos para que sejam obedientes (obedecer significa escutar atentamente) aos pais e a estes para que valorizem os filhos, a fim de que não desanimem (a

nossa sabedoria popular diz que “pai impertinente faz filho desobediente”).

### ***Tópicos para o compromisso***

1. Como honrar ainda mais o pai e a mãe? Como ampará-los na sua velhice?
2. O que devo fazer para reforçar ainda mais os laços familiares?

## Sétimo tema

# Curar as feridas da relação com os jovens

São diversas as feridas da nossa relação com os jovens: nuns casos, protegemo-los demasiado e, por isso, não lhes damos espaço; noutros, deixámo-los à sua sorte. Quando falham, são muitos os dedos em riste, acusando, e poucas as mãos que se estendem, acolhendo e ajudando. A irreverência e jovialidade que os caracteriza incomoda muita gente e, por isso, nem sempre se lhes dá vez e voz, mesmo quando enchemos a boca com o slogan: “A Igreja só será jovem quando os jovens forem Igreja”.

### *Em jeito de oração...*

Dizemos muitas vezes: “No meu tempo...”. E, com esta afirmação, parece que esquecemos que este tempo também é nosso e conta connosco.

A afirmação remete-nos, outras vezes, para um saudosismo que impede que cantemos e dancemos melodias diferentes das que trazemos dentro, decoradas – como israelitas chorando, a caminho da liberdade, as panelas deixadas para trás.

Incompreendidos nas suas opiniões e aspirações, muitos dos que nos rodeiam calam-se ou afastam-se e esvaziam-se os terreiros das conversas e das preces conjuntas.

Senhor, ensina-nos a olhar e discernir; perguntar e responder.

Ensina-nos a ensinar e a aprender, sem demissões nem imposições. Porque Tu renovas, nos talentos diversos, os caminhos de cada tempo e da Igreja!...

### **Questões para reflexão pessoal e partilha**

1. Olho para a juventude como uma fase da vida a valorizar ou deixo-me levar pelo preconceito de que, não tendo experiência, os jovens não têm uma palavra a dizer?

2. Aceito os jovens como são, na sua irreverência e jovialidade, reconhecendo que emprestam vitalidade à sociedade e à Igreja?

3. Que atitudes me(nos) afastam dos jovens ou levam a que os jovens se afastem de mim(nós)?

### **Leitura do texto: 1 Sm 3, 1-10**

<sup>1</sup>O jovem Samuel servia o Senhor sob a direção de Eli. O Senhor, naquele tempo, falava raras vezes e as visões não eram frequentes. <sup>2</sup>Ora, certo dia, aconteceu que Eli estava deitado, pois os seus olhos tinham enfraquecido e mal podia ver. <sup>3</sup>A lâmpada de Deus ainda não se tinha apagado e Samuel repousava no templo do Senhor, onde se encontrava a Arca de Deus. <sup>4</sup>O Senhor chamou Samuel. Ele respondeu: «Eis-me aqui.» <sup>5</sup>Samuel correu para junto de Eli e disse-lhe: «Aqui estou, pois me chamaste.» Disse-lhe Eli: «Não te chamei, meu filho; volta a deitar-te.» <sup>6</sup>O Senhor chamou de novo Samuel. Este levantou-se e veio dizer a Eli: «Aqui estou, pois me chamaste.» Disse-lhe Eli: «Não te chamei, meu filho; volta a deitar-te.»

<sup>7</sup>Samuel ainda não conhecia o Senhor, pois até então nunca se lhe tinha manifestado a palavra do Senhor. <sup>8</sup>Pela terceira vez, o Senhor chamou Samuel, que se levantou e foi ter com Eli: «Aqui estou, pois me

chamaste.» Compreendeu Eli que era o Senhor quem chamava o menino e disse a Samuel: <sup>9</sup>«Vai e volta a deitar-te. Se fores chamado outra vez, responde: "Fala, Senhor; o teu servo escuta!"» Voltou Samuel a deitar-se. <sup>10</sup>Veio o Senhor, pôs-se junto dele e chamou-o, como das outras vezes: «Samuel! Samuel!» E Samuel respondeu: «Fala, Senhor; o teu servo escuta!».

#### *Jr 1, 4-10*

<sup>4</sup>A palavra do Senhor foi-me dirigida nestes termos: <sup>5</sup>«Antes de te haver formado no seio materno, Eu já te conhecia; antes que saíesses do ventre de tua mãe, Eu te consagrei e te constituí profeta das nações.» <sup>6</sup>E eu respondi: «Ah! Senhor Deus, eu não sei falar, pois sou ainda um jovem.» <sup>7</sup>Mas o Senhor replicou-me: «Não digas: "Sou um jovem". Pois irás aonde Eu te enviar e dirás tudo o que Eu te mandar. <sup>8</sup>Não terás medo diante deles, pois Eu estou contigo para te livrar» – oráculo do Senhor. <sup>9</sup>Em seguida, o Senhor estendeu a sua mão, tocou-me nos lábios e disse-me: «Eis que ponho as minhas palavras na tua boca; <sup>10</sup>a partir de hoje, dou-te poder sobre os povos e sobre os reinos, para arrancares e demolires, para arruinares e destruíres, para edificares e plantares.»

#### *1 Tm 4, 12-13*

<sup>12</sup>Ninguém escarneça da tua juventude, antes, sê modelo dos fiéis, na palavra, na conduta, no amor, na fé, na castidade. <sup>13</sup>Enquanto aguardas a minha chegada, aplica-te à leitura, ao ensino, à exortação.

Tt 2, 6-8

<sup>6</sup>Exorta os jovens a serem moderados, <sup>7</sup>apresentando-te em tudo a ti próprio como exemplo de boas obras, de integridade na doutrina, de dignidade, <sup>8</sup>de palavra sã e irrepreensível, para que os adversários fiquem confundidos, por não terem nada de mal a dizer de nós.

### **Pistas para reflexão**

*1. Deus chama os jovens. O relato da vocação de Samuel ilustra bem a afirmação: Deus chama os jovens. O ambiente em que vivem pode não os ajudar a ter familiaridade com Deus e com as realidades sagradas. Talvez por isso lhes falte até maturidade e ambiente para saber reconhecer a voz de Deus e, menos ainda, a missão a que são chamados. Precisam de guias espirituais que os ajudem a fazer esse discernimento e a responder com prontidão e disponibilidade.*

*2. Deus chama e acompanha. A reação de Jeremias é normal: sentindo a missão que lhe é confiada superior às suas forças, tenta desculpar-se com a sua juventude e incapacidade para falar. Deus intervém para vencer as dificuldades apresentadas por Jeremias: “irás aonde Eu te enviar e dirás o que Eu te mandar”. Põe as suas palavras na boca do profeta, livra-o e dá-lhe poder para exercer a missão: lutar contra o mal e promover o bem.*

*3. Os jovens merecem respeito, têm virtudes e qualidades. Ninguém tem o direito de desmerecer da juventude ou de faltar ao respeito aos jovens. Eles têm virtudes e qualidades que importa desenvolver e potenciar: são*

*sonhadores e criativos, têm capacidade de entrega e dedicação, possuem o sentido da dignidade e do compromisso. Cabe aos adultos a responsabilidade de serem referência para eles e de os exortar à moderação e a uma vida digna e nobre, mediante palavras e sobretudo exemplos.*

### **Tópicos para o compromisso**

1. Como reconhecer as virtudes e as qualidades dos jovens? À distância ou na proximidade?
2. Como vencer as resistências à ação e participação dos jovens na vida da sociedade e das comunidades cristãs?
3. O que vou fazer e dizer aos jovens da minha família e da minha comunidade para que eles se sintam verdadeiramente acolhidos?







**Texto de abertura: D. Jorge Ortiga, AP**

**Redação dos temas: Pe. João Alberto Correia (coordenador),**

**Pe. Hermenegildo Faria e Pe. João Aguiar**

**Participaram na elaboração deste caderno: Pe. Sérgio Torres e D. Nuno Almeida**

